OBEDIÊNCIA OU REBELDIA

como virtude; o Estado, nos súditos, como a qualidade mais desejável no "bom cidadão";

a Igreja vê no submisso o melhor crente. Qual a sua "utilidade"? Ao pé da letra: cristalizar o poder das instituições, condicio-nadoras de tôda exploração e opor um dique a tôda forma de progresso aos que a exercem. Sua pior praga? Ser geralmente volun-

E seu antônimo? A virtude original do homem, símbolo da personalidade, promotora do progresso, inimiga mortal de tôda paralização, mãe da revolução: a desobediên-

cia, a rebeldia.

Segue-se que, sendo a obediência voluntária, por excelência, passiva, é fácil instrumento de exploração por parte dos inimigos do progresso, dos conservadores e a rebel-dia, sendo por natureza dinâmica, vive em eterno conflito com o conservantismo, sendo portanto progressista, revolucionária.

Enquanto a obediência passiva, consoante a palavra de ordem do conservantismo, prescreve: "Fique onde está" (ao que acena com satisfação o conservador, dizendo "Assim mesmo, pois assim te exploro melhor"), a rebeldia, ao contrário, determina: "Há que

O conservador, não querendo, por visão

tá, ou, quando para tal se lhe apresenta uma oportunidade, envidando esforços por expandir o seu domínio, extensão na qual se passa a denominar reacionário, é mediocre ou mal·intencionado. Por outro lado, o progressista, pouco ligando ao seu bem estar pessoal e atirando-se destemerosamente à crítica dos velhos valores e à investigação de novos, junta à inteligência o idealismo:

Ora, o Estado e a religião, são declara-damente conservadores e, por extensão, re-acionários. Porque? O Estado, só subsistindo na divisão da sociedade em classes, há de pender o seu fiel para classe privilegiada, da qual é baluarte contra as classes exploradas. Anteriormente, o poder do Estado era declaradamente exercido em nome de minorias privilegiadas. Mas agora o é, sob a for-ma de Democracia, em nome do povo Sim, em nome do povo, mas pelas mes-

mas minorias privilegiadas, pois quem pode impedir que, sob tal regime, consinue a processar-se a exploração do povo pelas referidas minorias? Não pode existir igualdade de direitos políticos sem igualdade de condições econômicas, pois somos tão escravos do po-der como do capital. Se há privilégios, há privilegiados, e quem tem privilégios naturalmente, não abre mão dêles. Segue-se, dai, que o Estado, sustentando privilégios, é conservador, A Religião, como diz acertadamente Proudhon em sua Creation de l'Ordre, "é por natureza imóvel, hostil à investigação e a todo progresso, pois investigar é, a seus olhos, procurar descobrir os segredos de Deus e colocar-se na predisposição de não mais como segredos de não segredos mais crer". Sendo por natureza conservado-ra, como disse, a Religião é portanto, supor-te natural do Estado. Pela tradição, tolhe o desenvolvimento da sociedade apegando se aos velhos costumes. Pelo dogma, opõe-se a marcha da razão; pela fé, prega a satisfação, a auto-suficiência; e são justamente essa satisfação e essa auto-suficiência que destroem tôda a sêde de progresso. Pois a evolução é filha da insatisfação.

É por isso mesmo que da Religião se servem todos os Estados para concretizar seus planos de domínio, a exemplificar como o "revolucionário" Estado Soviético, cuja comissariocracía, como se já não bastasse a religião de Estado que tem, como Deus, Marx, e como apóstolo, Lênine ao qual foi erigido solene mausoléu, monumento religiosa quase tão imponente como a Catedral de São Pedro, deu novo hálito à velha Igreja Ortodoxa Russa, cujas ovelhas não se acham tão sòmente na velharia supersticiosa, mas

também na fina flor da mocidade soviética. Não há Estado sem obediência nem obediência tão voluntária como a que surge da própria crença. Quem diz Deus, diz Autoridade, e quem diz Autoridade, subentende que há obediência. É aí onde se confundem Religião e Estado. São essas as instituições cujo desaparecimento se faz necessário, para que, sem maiores entraves, o progresso seja permanente. E quanto maior for a rebeldia, quanto menor for a obediência, mais cêdo desaparecerão. E então veremos surgir a ordem, pela harmonia e progresso como lei: o Socialismo Libertário. Por D. BRITO



FEVEREIRO/MARÇO - 1968

O Socialismo Libertário também tem posição fixada sôbre os problemas que o futuro, dentro de um regime baixo êste signo, pode apresentar. Não se trata de um esquema rigido, do qual não se possa sair. O Socialismo Libertário é constante evolução. Considera que no amanhã possa ser negativa uma medida que hoje é acertada, única possível a praticar. De onde que as teorias sôbre organização da sociedade, em regime socialista libertário, devam ser consideradas como meras suposições de orientação, nunca como esquema exato e menos ainda rígido.

NÚM. V

ANOI

Inclusive êste nosso trabalho tem de ser tomado nessas condições.

O sistema de estruturação política é do estilo federal; mas um federalismo integro, que nasce no indivíduo à base - e vai para os orgãos de maior alcance político e econômico — o cume.

Os sindicatos constituirão o esquema organico-político e dentro dêstes estarão organizados todos os "produtores" (classe trabalhadora) interessados no desenvolvimento do país.

Porém a estrutura interna dêstes sindicatos, nada terá em comum, com as atuais do Brasil; ou de qualquer outro país, nos quais são instrumentos do govêrno (países comunistas e fascistas), Nêsses países o Estado determina a obra que deve ser realizada pelos sindicatos, enquanto que no Socialismo Libertário serão os sindicatos que determinarão, através de assembléias etc., as realizações dos orgãos que administram às diversas atividades impostas pelo desenvolvimento da sociedade.

A economia será regida pelos "Conselhos de Economia" (locais, estaduais e nacional), integrados por representações dos sindicatos atingidos. Da mesma maneira se procederá no que refere-se aos problemas de educação, saúde publica, etc. Todos êstes Conselhos, em suas diferentes escalas geográficas, integrarão os Conselhos Comunais, Estaduais e Nacional, já que o desenvolvimento apresenta-nos uma inter-relação dos problemas, que requerem a intervenção de mais de um orgão especializado na solução dos mesmos.

Na sua esfera de ação, cada Conselho resolverá os problemas que lhes cabem de acôrdo com resoluções emanadas das assembléias ou congressos que os Sindicatos, Federações locais, Estaduais e Nacional, celebrarem períodicamente, para fixar a posição a ser tomada nos casos que requeiram sua intervenção.

PRECO: NCR\$ 0,20

Lógicamente não podemos, no espaço limitado que um jornal oferece, fazer um estudo completo ou mais amplo, sôbre um problema de tamanha importância e tão complexo, como é a estruturação de uma nova sociedade.

Aqui limitamo-nos a dar uma ligeira idéia da nossa posição a êste respeito, que, de nenhuma maneira pretende ser o "Non Plus Ultra" do pensamento humano.

O "líder" e sua democracia

Reivindicações **Populares**

Que fazer quanto às lutas populares? Bem entendido, que fazer, hoje e não amanhã, em relação à melhoria da situação do povo, isto é, que sugerirlhe como programa mínimo de reivin-

Mas terá lógica estabelecer gradações na reivindicações dos direitos do povo, Poderão êsses direitos ser desdobrados em programas mínimo e má-

O povo dá tudo em sua ação de ele-

Tem, portanto, tudo a reivindicar.

cabe o pronunciamento. É êle que sabe o que deve reclamar e quando deve fazer.

Bem-estar e liberdade - é a sintese de suas aspirações e de suas reivindicações. Imensas são as suas necessidades e para satisfazê-las tem de ir arrancando, à resistência dos exploradores, com o próprio esfôrço e em permanentes e duras pelejas, porções dos bens que lhe cabem, até que, possa entrar no gôzo definitivo daquilo que representa o produto legitimo de suas

Ocioso seria pretender mencionar tôdas essas necessidades e essas reivindicações. Isso costumam fazer os profissionais da política, catalogando-as com incontáveis minúcias; em programas elêitorais, quando, na caça de votos, prometem ao povo este mundo e outro.

Frederico Brito

Incongruências

forçosamente influi na majoração de preços e por conse-guinte na diminuição do nível de vida, temos a oposição obstinada ao aumento dos ordenados da classe trabalhadora porque assim o recomenda o combate à inflação prometendo que a êsse período de "arrocho" — que acontece com os trabalhadores — sucederá outro de abundância para todos (?)

O paradoxo está nos que têem de padecer às consequências funestas desses aumentos de impostos, os trabalhadores, não manifestaram seu protesto pelo r ubo que a seus bolsos vai-se realizar. Parece como se uma castração

Depois do "bom" trabalho, um descanso merecido

de suas consequências tivesse sido realizada.

São as classes patronais, industriais e comerciais, às que, paradoxalmente, elevam seu protesto contra essas medidas, que à elas menos lhes vem a prejudicar diretamente.

As classes patronais limitar-se-ão à elevação dos preços, em proporção maior ao dos impostos, para assim compensar a diminuição das vendas, que existirão ao diminuir o poder aquisitivo do povo.

A ausência do povo, numa reivindicação que deveria mobiliza-lo, e fruto de uma falta de consciencia, de um corderismo próprio da inexistência de uma idiologia social que "arrancando" do operário, vai até os sindicatos, que deveriam ser seus orgãos, representativos da classe.

Impõe-se a tomada de posição do trabalhador para que, por si mesmo, adote às posições que sua dignidade lhe dita, em defeza de seus interêsses MARIA

dicações imediatas?

mento produtor: dá sua atividade, seu esfôrço, seu socêgo, sua saúdė, enfim, sua própria vida. E que recebe como recompensa? Apenas o insuficiente para que possa continuar a trabalhar em proveito de uma minoria exploradora.

E por onde começar? Sómente ao povo

Há poucos dias, reuniram-se em Pôrto Alegre, os Secretário da Fazenda e o Ministro da mesma pasta do Governo da União (urubús do povo) afim de tratarem sôbre o famigerado impôsto conhecido pela alcunha de ICM.

Desde o primeiro dia do ano, decretado pelo Gover-no Federal, temos um sumento do antigo impôsto de con-sumo — hoje I.P.I, Somadas as parcelas desses dois impostos teremos uma média superior a $30^{\circ}/_{\circ}$ do valor bruto de qualquer produto que chegar às mãos do consumidor e se a estes impôstos, acrescentarmos as demais taxas criadas para a manutenção dos orgãos governamentais, podemos afimar com certeza que mais da metade do valor dos produtos desti-

na-se aos insaciáveis cófres dos diferentes orgãos do Governo, e o pior é que sua maior parte destina-se ao paga-

mento de elementos improdutivos. Frente a esta política do aumento de impôstos, que



Unesp Cectap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Cectap Faculdado de Ciências e Letras de Assis > 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 25 26 27 28 29 30 31 32 33



Publicação Mensal Registrado no Cartório de Registro Especial Livro A 9 sob n o 233.579 - Matricula 521

EXPEDIENTE

Redação e Administração: Rua dos Andradas, 1543 - 2.º Andar - Sala 5 PÔRTO ALEGRE - R. G. do Sul - Brasil



Proprietário: Maria Pinto Fernández Rodriguez Diretor Responsável: Maria Pinto Fernández Rodriguez



Composto e impresso nas oficinas da Gráfica Trevo - Rua Garibaldi, 1093 - P. Alegre (RGS)

Os artigos publicados são de responsabilida-

CRÔNICA DA CIDADE

Máquina de fazer doido

Escreve NIWTON LUIZ

Meus presados, saúde para vocês em primeiro lugar. Coisa que computo de grande importância em nossa vida doméstica é a Televisão, e que se constitui numa arma terrível se mal mánipulada. E como está mal. Televisão é a grande máquina de fazer doidos. Alienação total, de consequências incalculáveis.

Torna semi-deus, bestuntos sem o mínimo gabarito, deturpa nossa iufância com pseudo heróis. Prostitui nossas filhas e nos torna cornos da maior conficção.

A comercialização do imbecil atingiu uma magnitude que não poderia imaginar, a escravatura do profissional bom, do técnico, o ostracismo que elementos de centros menores são cilocados, pela falta de renovação causa do Monstro Tape.

Nas repetidoras daqui o negócio é de doer. Um bom programa que se faz aqui "A Grande Chance" que era Merlin virou Piratini. Irani levou um susto quando o patrocinador se retirou, e quase que seu programa sai do ar. Vai ver que tiveram vergonha de patrocinar um bom programa (bem feito) mas que de ética está errado. Os candidatos estão sendo escolhidos para irem ao rio. Aqui continuaremos a ver-Tapes ruins, e mal passados. Será que êstes que pagam estas porcarias acham que o resultado da publicidade é positiva?

O outro programa de calouros é uma cópia ruim do programa que eu produzia para a TV Rio e que noutra emissora com outra equipe é lider de audiencia em São Paulo e Rio. "A hora da Buzina" com a maior alienação que já se criou na Televisão "Chacrinha".

Que saudade do Teatro de Comédia JH Santos com o Pereira Dias, a Marlene Neri, Wilson Fragoso, Maria Katira e tantos outros colegas. Quando se fazia Televisão.

Porque é época de férias tiram o programa do Antonio Gabriel do ar... como ficou vazia a manhã de domingo.

Será que Crefisul não podia mandar por no ar mais cede o Telejornal, dinamiza-lo conforme era a um ano atraz? Sanrig diminuiu o pêso da magarina para pagar mais porcarias, e diz que aumentou a produção e trocou de embalagem, que está faceira, etc... como enga-nam meu Deus. Eles estariam fazendo muito melhor se pagassem vinte minutos por semana para poder se ouvir Baldauf tocar Bettovem. Presados prometo continuar no assunto. A lua é artificial pois é carnaval. E ainda não temos baile no Municipal. Pulem dancem e não se cancem meus patricios, ou melhor, se desintegrem no samba, pois senão você muito breve poderá ser desintegrado por uma bomba Viet, a defesa política do Johonson.

Até breve

MOLEQUE MORRO...

Na briga desenvolvida em tôrno do corte de verbas secretas da Secretaria de Segurança do Es-Na briga desenvolvida em torno do corte de verbas secretas da Secretaria de Segurança do Estado, um ponto passou quase desapercebido. Quando se falou numa redução de 180 milhões de cruzeiros antigos, não ocorreu a muita gente o significado real dêste dinheiro em relação à verba total da Secretaria de Segurança. Pois bem, em sessão da Assembléia Legislativa (cf. "Correio do Povo" de 5 novembro), o deputado Brusa Neto do (MDB) esclareceu que o Orçamento daquela Secretaria atinge 63.220.997 cruzeiros novos. É superior, portanto, aos creamentos somados de cito Secretarias de Estado: Obras Públicas Interior, o Justica Ada orçamentos somados de oito Secretarias de Estado: Obras Públicas, Interior e Justiça, Administração, Saúde, Energia e Comunicações, Economia, Transportes, Trabalho e Habitação; ao todo, NCr\$ 62.043.609. O orçamento da Secretaria de Segurança é ainda duas vêzes e meia maior que o da Secretaria da Agricultura (NCr\$ 25.508.092).

Não ignoramos o fato de que se faz realmente necessário proteger o conjunto da população de uma minoria de malfeitores. Mas a complexidade dos serviços policiais deve crescer de acôrdo com o desenvolvimento de todos ramos da atividade humana; desenvolvimento que os minguados orçamentos das demais Secretarias, tôdas instrumentos chave do Progresso, não cotão e assimplar. Do dues progresso estacione facanha para a estão a assinalar. De duas uma: ou se pretende que o progresso estacione, façanha para a qual haverá sempre recursos de menos, ou aí há dinheiro demais.

(Extraído de "O Bancário" - P. Alegre)

- Conclamação -

Aos Amigos da Liberdade

Nos momentos de maior gravidade, quando periclitam os direitos humanos, inevitável se torna a imperiosa necessidade de apelar aquêles sentimentos que podem permitir a um povo exercer sua própria defesa e resgatar sua personalidade na hora propicia para seu ressurgimento.

Esse sentimento será tanto mais valioso, quanto mais fundo estiver arraigado em cada pessôa, o respeito por si mesma, valorisando a função ativa que lhe corresponde na sociedade e a confiança que tenha em princípios baseados na liberdade, na justiça e na solidariedade como máximos guias da convivência humana.

Não obstante tôdas as dificuldades e contratempos, aqueles que sentem profundamente o agravo a tudo que constitui um acervo da civilização e da cultura, encontrarão força de espírito para não se render ante os fatos, ainda que as circunstâncias imponham um parentesis ao impulso heróico e à luta frontal.

Esperar e preparar o dia em que êsse generoso esforço aproxime e conduza à liberação significa algo mais que deixar transcorrer o tempo, numa atitude contemplativa, pois nem essa passividade nem tampouco o jogo que fazem os anciosos do poder contribuirão para a saída desejada. Preparar êsse dia representa dar os passos necessários para buscar, reconhecer e incorporar à luta comum o maior número possível de pessoas identifiçadas nos mesmos propósitos.

Se todos, os que possuem êsse sentimento, arregaçarmos as mangas e nos dispuzermos ao trabalho, não tardará em aparecer os sinais dessa força viva, rompendo o silêncio até então imposto e vencendo o temor, vinculado aos regimes de força; levantar-se-ão baluartes capazes de sobreviver as repressões; se ampliarão as perspectivas ainda que forem perdendo as suas aquêles que persistirem em utilizar recursos tos à ética.

A grande tarefa consiste em ir ao encontro dos que não admitem o intento de serem convertidos em dóceis instrumentos de um poder mais alto; de quem quer que tenha sensibilidade para indignar-se ante o sofrimento dos desprotegidos; daquêles que não toleram os "mandões" do presente nem aos que têm aspirações de chegar a ser; dos que desejam para si e para os demais, os direitos de pensar, expressar-se, reunir-se, associar-sé, distrair-se, de viver, em suma, livre e em condições dignas para o ser humano; dos que rejeitam o dogmatismo e a intolerância; de todos os que desejam e podem fazer sua parte para forjar uma sociedade que seja digna de merecer o nome de civilizada.

Qualquer que seja o lugar em que nos desenvolvemos, encontramos mulheres e homens de sentimentos nóbres e com bons propósitos: seja no círculo de relações familiares e amistosas, no escritório, na oficina, na aula, no sindicato, nas repartições públicas, nos clubes recreativos, etc. Frequentemente, verifica-se uma coincidência de suas opiniões e metas, com o que nós pensamos e aspiramos, é comum, entretanto, que essa mesma gente se declare incapaz para fazer algo efetivo, ante a magnitude dos fatôres adversos. Essa reserva estática, desorientada, desconexa, está também reclamando o impulso criador de iniciciativas e exemplos que à tornem dinâmica e fru-

Não se trata de despertar falsas ilusões com receitas salvadoras que não estão ao alcance da mão, de promover ações precipitadas ao gôsto dos aventureiros e conspiradores de ocasião, ou de enganjar ninguem ao carro das ambições dêste ou daquêle partido político. Trata-se antes de mais nada, de criar e fortalecer o estado de consciência contra todo despotismo; de resistir à êste por enquanto e como fôr possível; de fomentar e realizar obras que demonstrem os benefícios da cooperação; de abrir caminho para a expressão dos valores individuais e grupos que podem, concretizar às melhores esperanças do povo.

Enganam-se os que acreditam definitivo o silêncio que caraterizam o clima de uma opressão que ainda não obteve resposta; nem tudo está à vontade dos governantes que arrazam impunentemente liberdades e direitos. É verdade que o desacreditamento e a desconfiança apontam para muitos prometedores de soluções felizes, demonstrarão, quando aplicadas, sua ineficácia, quando estiverem com o poder em suas mãos; está certo que as dolorosas experiências impostas ao povo pelos regimes ditatoriais, demagógicos e incapazes, facilitaram a erupção de novos redentores armados com tôda a bagagem da força e da razão.

Mas a realidade presente tende a converter-se no melhor ensinamento e, por cima dos fracassos e desilusões, poderá dar o impulso para acabar com a inércia e corrigir o êrro de confiar ingenuamente na vinda de melhores dias por ações de ter-

Não são poucos, bem sabemos, os que preferem que "outros consertem o mundo" e consideram uma posição inteligente não meter-se em nada, acreditando ficarem isolados da sucessão dos acontecimentos. Há que procurar despertá-los dessa espécie de autoanulação, cujas consequências sempre serão funestas para a coletividade, inclusive para os que fogem da preocupação ou seja da realidade.

Temos que imbui-los do sentido da responsabilidade social, para que se integrem com decisão na grande reserva disposta à preparar-nos para o dia em que a liberdade, triunfe sôbre os despotismos em que a justiça deixe de ser um conceito desvirtuado por revoltantes desigualdades nas condições da existência.

À todos que se sintam sensíveis com dor alheia; à aquêles que da liberdade fazem sua meta; aos que desejam mostrar sua disposição de lutar por um futuro humano de paz e prosperidade, dirigimos esta conclamação para que dêem-nos sua cooperação, participando desta luta que, sendo aspiração coletiva também é

Queremos reunir os que sentem-se identificados com as finalidades do socialismo libertário, já exposta, ainda que sumáriamente, nas páginas dêste jornal. O caminho não será fácil' nem rendoso. Não se trata de partido político ou "frente ampla", é uma organização que contará com os que desejam um amanhã melhor para os destinos da humanidade.

Dirigir-se à Comissão Organizadora da União Socialista Libertária. Andradas, 1543 - Sala 4 - P. Alegre - RS.

Por Roberto Silva Costa

— Vai graxa, seu moço? A frase que se repetia. Sua existência de garoto de morro resumia-se na frase:

Vai graxa, seu moço? Paulinho menino, Paulinho criança, moleque de morro.

Moleque de morro...
Seis aninhos de vida, anos longos, duros passar. Anos de fome e miséria. E o mundo de Paulinho era favela. O cenário cotidiano limitava-se a mulheres carregando latas e baldes na cabeça, cheios de água ou roupa p'ra lavar. E as crianças barrigudas, doentes, famintas.

E a vida sem pai. A mãe entrevada. Os irmãosinhos com fome. Irmãos de Paulinho. Aquela cabecinha negra, de cabelos encara-colados, aprendera de cêdo a ter responsa-bilidade. Pela mãe, pelos irmãos menores ainda que êle. Daquela caixa de engraxate ainda que êle. Daquela caixa de engraxate saía alimentação para 7 bôcas. Mas Paulinho era pequeno, muito pequeno e no entanto compreendia. E naquêle dia estava feliz. A cidade estava cheia de marinheiros, "aquêles que fala diferente". Quando isto acontecia. o trabalho dobrava, mas dinheirinho que ganhava a mais valia qualquer sacrifício.

— Vai graxa. seu moço?

Dia bom fôra aquêle. E os olhiphos espertos sorriam p'ra lata de goiabada debaixo do braço. Sorriam só de pensar. No beijo da mãe Na gula dos irmãos. Paulinho era o garoto de 6 anos mais feliz do mundo.

De repente a buzina. A freiada que não

De repente a buzina. A freiada que não houve. E o pavor nos olhinhos. Olhinhos espertos. O grito da madame. A lata de goiabada rolando.

E o asfalto com sangue. Sangue de moleque de morro. Moleque de morro...

"Um Protesto aos Poetas"

Por Antonio Paulo Antunes

Hoje eu queria falar aos poetas.

É novo ano e sinto necessidade de renovação, gostaria de dizer que preciso sentir a mensagem, ela está no ar mas não consigo capta-la, fogem aos meus ouvidos, por isto apelo para a sensibilidade do poeta.

Queria pedir que falassem do amor universal, em temas de humanização; mas carriedos

versal, em temas de humanização; mas creio que não escutarão o meu pedido, estão em-briagados com aplausos falsos de sua poe-

Gostaria de sentir em todos os poétas o brado de "Arranca êsse pendão dos ares", ou que me falassem em versos nejariano, poema à Cesar Matesich, ou cantigas Velosiana.

Sinto vontade de falar aos poetas, se é que êles ainda existem, se fôr o caso gostaria de pedir para cantar, para despertar em mim esta vontade de sentir no sangue que o homem ainda é humano.

Gostaria de falar aos poetas para ique deixassem a alienação de problemas psicológicos de amor, que é intimo, opaco, mofado e viessem conscientizar um povo, trazer uma mensagem ao menos de paz, que ao menos abandonassem o comodismo, o conformismo e viessem sentir a miséria do submundo; que o poeta viesse a ser povo.

Sinto necessidade de falar aos poetas, aos nossos poetas, aos poetas estáticos, que preciso sentir renovação, que estou enjoado de suas cantigas falsas, ou pedir que abandonem o nome de poeta para que não desacredite nos sentimentos e ideais autênticos. Gostaria de falar aos poetas, se ainda

existirem e pedir que deixem de bancar os menestréis.

OS QUE SE VÃO

tário Espanhol, ou seja da Confederação Nacional do Trabalho de Espanha, desaparece com nosso pezar no exílio.. Nos princípios do mês de janeiro acompanhamos à sua ultima morada - cemitério da Sociedade Espanhola - os restos mortais - do "velho Falceto", como familiarmente era conhecido. Cumpre que ressaltemos aqui em breves linhas, sua personalidade, seu valor. Em vida, com mo-déstia mas com inegável valor, deu quanto era e valia pela causa do socialismo liber-

Em sua mocidade foi militante do Sindi-cato da Indústria dos Transportes Coletivos de Barcelona, teve destacada atuação antes e durante a guerra que na Espanha desen-volveu-se contra o fascismo Internacional. Ocupou cargos de importância tanto no Sindicato, como na direção administrativa dos transportes urbanos da dita cidade, quando socializada. Desempenhou-suas missões com à firmeza e honestidade que sempre foram

Com a derrubada do regime democrático vigente na Espanha, exilou-se na França, de onde em 1952, embarcou para o Brasil fixando residência em P. Alegre. Seu maior desejo, ocupar o lugar que deixou em seu Sindicato na cidado de Barcelona (Espanha), foram frustrados por traiçoeira enfermidade pois apezar de sua avançada idade, ainda tinha força física, coragem e esperança para aguentar com hombridade seu exílio forçado, na espera da libertação de seu país natal.

Ao ato de seu enterro acudiram, deso-lados pela perda tão sensível, todos que go-závamos de sua amizade. Como despedida final do amigo e companheiro desaparecido, o presidente da Sociedade Espanhola de P. Alegre, dirigiu sentidas e emocionadas palavras aos que, como libertários, nos associá-

A sua esposa, àos seus filhos e a sua neta, expressamos nossas mais sentidas condolências. Grupo "O Protesto".



 Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa
 (entro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Leiras de Assis
 2
 23
 24
 25
 26
 27
 28
 29
 30
 31
 32
 33

E' Hora da Juventude

Quando a sociedade debate-se em lutas para fugir à decadência e entrar numa nova época, a juventude não pode permanecer indiferente, nem aceitar chamados que possa desvia-la do caminho da renovação no qual, por sua condição natural, cabe-lhe o lugar de vanguarda. O futebol, o movimento desvitalizador do yé-yé-yé e outros aspectos, que pretendem desviar os jóvens do caminho da luta por um mundo melhor, é a ofuscante luz com que desejam atraí-los, afim de impedir que vejam a obscura realidade apresentada pela humanidade em convulsões.

A fome, as perseguições, as injustiças sociais, as guerras, as demagogias políticas e as não menos abominaveis das religiões, são motivos que devem incentivar aos jóvens, para ocuparem seu posto no combate a essas anomalias. A sociedade atual é a expressão autêntica dessas calamidades e, não é com atitudes contemplativas, nem com sábias meditações que elas desaparecerão. Tampouco com outras atitudes que não sejam condizentes com a firme posição a ser adotada.

se poderá criar condições para que o mundo, superando a vontade daquêles que o arrastam para a decadência, possa, afinal, encontrar o caminho de sua libertação econômica e social. Este não é um trabalho fácil, uma vez que se antepõem a êle interêsses inequivocos, responsáveis pelo desiguilibrio social em que vivemos. Mas uma vez que a cada pas-

so tropeçamos nas condições objetivas que se reproduzem, se faz mistér que encontremos os meios para aplaina-las e, esta é um tarefa que se impõe a juventude.

O jóvem não se condiciona ao mundo egoista em que vive e. por isso, sempre está predisposto a bater-se na defesa de seus semelhantes, e a isto chamam de irresponsabilidade, sendo humanismo, a cada hora que se apresente, sempre há a oportunidade de dar sem esperar recompensa, e haverá tabém, a hora de lutar por um amanhã pleno de fraternidade.

Não importa que hoje seju escasso o número dos que estão ocupando os postos que lhes correspondem. As grandes tarefas têm seu princípio baseado em individualidades e minorias seletas, a obra que se tem à frente é da maxima importância e da aspiração de todos, por conseguinte, temos a certeza, que no desenvolvimento dessa realização, haverá a necessária arregimentação de forças para o bem comum.

Fixemos nossa meta e com firmesa busquemos alcançá-la. Não É com decisão e energia, com coragem e despreendimento que há em nosso meio fatores negativos, unamo-nos e organizando-nos teremos conquistado novas contribuições, pois, é no desenvolvimento da luta que se forjam os valores. E é a nós, os jóvens, que cabe a sublime tarefa da salvação do mundo. Filhos somos hoje, amanhã seremos pais, essa pois, nossa tarefa, da reconstrução do mundo para a felicidade de nossos filhos.

CATÓLICA DOZE PROVAS DA INE-IMORALIDADE LIBERTÁRIA MORALIDADE

POT PEDRO VALLINA

Presta aos teus semelhantes todos os serviços que tenham o direito de exigir de ti. Franklin

Encontrava-me em Yalpa, no Estado de Zacatecaa, México, povoado eminentemente católico e beato. Ainda se pagavam alí dízi-mos e premícias. Os ovos postos pelas galinhas nas quintas feiras eram da igreja. Nunca vi cousa análoga, nem na católica Espanha, onde o povo mais submetido fôra aos curas. Apesar disso, era desconhecida a solidariedade entre os habitantes e nome vão, a caridade.

Certa vez, saira a pedir esmolas pelas portas uma viúva para levar a filinha de dois anos à Capital de Aguacalientes, a mais perto, a fim de operá-la de pleuriz purulenta, operação que eu não quiz fazer, por não ter a mãe lar, dormir com a filha no chão sujo de um matadouro e estar a casa habitada por mim em ruínas, consequente de um incêndio durante a guerra civil. Os senhorios recusavam-me aluguel e a duras penas encontrei aquela pocilga.

O quadro da mãe andrajosa, com a fi-lha moribunda nos braços, a esmolar, era por extremo, comovedor e de eternecer o mais duro coração. Entretanto aqueles seres insensíveis, católicos, apostólicos, romanos, nenhuma ajuda lhe davam; em todo o povoado, não recolheu mais de três pesos.

Tive de operá-la nas piores condições de alojamento e resistêcia física e a pobre menina, dentro em pouco, morria. Se houvesse Deus, ao apresentar-se-lhe a pequena diante de si, cair-lhe-íam as barbas de vergonha se a tivere gonha, se a tivera.

Os habitantes de Yalpa tinham inteligência e não eram tão rematadamente tolos como noutros lugares; apreciavam, pois, mui-to meu labor médico e, entre meus clientes, avam-se os curas e seus familiares. O sa cristão e os seus, e os seminaristas que, por temporadas, vinham ocupar uma das dependências da igreja.

Que pena que o senhor não abrace nossa religião, a única verdadeira, nem venha ao nosso templo! diziam-me frequentemen-

te os santos varões. Respondia-lhes eu: Se vocês praticassem a religião de Cristo e vivessem como iguais, eu iria de joelhos à igreja, embora os arrebentasse na entrada; porém, como não o fazeis, não quero que Deus me confunda com

vocês e me condene ao fogo eterno Os ricos aparentavam rir com minhas frases, enquanto as sentissem fundo; mas, os pobres arregalavam os olhos e ficavam pensativos. Um dia, veio buscar-me um camponês

de seus trinta anos, pobremente vestido e descalço, mas de rosto bondoso e inteligentes, pôsto que descarnado de miséria. O po-bre homem pediu-me que lhe assistisse um filhinho enfêrmo. Atendi prezuroso, comó era meu dever, e juntos partimos a ver o enfermito. Morava a meia hora do arracia, numa choça de palha rodeada de outras chocas e barracos onde viviam seres na maior miséria. No chão, sôbre uma esteira, jazia o doentinho, coberto de trapos, um garotinho de 8 anos, tão raquítico que aparentava ter sarampo mal curado, que se complicara com broncopneumonia levando-o à beira do

Tôdas as manhãs, mal dealvava, vinha o pai do enfermito buscar-me e, juntos re-faziamos a viagem a pé, através de um ter-reno pouco fértil semeado de milho. Eu via com gôsto as boas condições morais daquele homem e o tão grande carinho que mostrava para com seu filho. Por fim, lá conseguimos salvar a criança e, ao volver da úl-

quer aquilo, porque é infinitamente sátima visita, disse-me numa curva do caminho: Enquanto eu viver, serei agradecido por bio, infinitamente justo, infinitamente ter salvo meu filho; agora, não pude conse-

to pagar-lhe pouco a pouco tudo quanto deva. Recusei o dinheiro que me oferecia e o forcei a receber uma quantiazinha que eu levava, para que êle comprasse roupas e alimentasse o convalescente.

guir mais que êstes três pesos; mas, prome-

E disse-lhe estas palavras que ouviu com ar assombrado:

Eu não lhe fiz nenhum favor; ao contrário, você me fez um muito grande, pois procurando-me, conheci um homem bom, que é o que mais vale no mundo, ademais, tive a alegria de salvar o doentinho, imensa felicidade que não trocaria por todos os tesouros

Seuhor, respondeu comovido o campônio, dizem que o senhor não segue nossa religião; porém, parece-me que a sua, dado o seu procedimento e suas idéias, vale muito mais que a nossa. Assim, rogo-lhe que ma ensine para eu entrar na sua igreja.

XISTÊNCIA (Continuação do número anterior) outra coisa. Ele recompensará tais ações, mas punirá tais outras. Ele fez isto e

poderoso, infinitamente bom". Ah! que felicidade! Ora aqui está um Deus que se faz conhecer. Abandona o império do inacessível, dissipa as nuvens que o rodeiam, desce das alturas, conversa com os mortais. expõe-lhes o seu pensamento, revela-lhes a sua vontade e confia, a alguns privilegiados, a missão de espalharem a sua Doutrina, de propagandearem a sua Lei, de o representarem, enfim, cá embaixo, com plenos poderes para mandarem no céu e na terra.

Este Deus não é, com certeza, o Deus Fôrça, Inteligência, Vontade, Energia, que, como tudo o que é Energia, Vontade, Inteligência, Fôrça, pode ser

alternadamente, segundo as circunstâncias e, por consequência, indiferentemente, bom ou mau, útil ou inútil, justo ou iníquio, misericordioso ou cruel. Este Deus, é o Deus em que tudo é perfeição e cuja existência não é nem pode ser compatível - visto que êle é perfeitamente justo, sábio, poderoso, bom, misericordioso — senão com um estado de coisas criado por êle e no qual se afirmariam a sua infinita Justiça, a sua infinita Sabedoria, o seu infinito Poder, a sua infinita Bondade e a sua infinita Misericórdia.

Êste Deus é o Deus que, por meio do catecismo, nos insuflan no cérebro quando somos crianças; é o Deus vivo e pessoal, em honra do qual se erguem templos, a quem se rezam orações em barda, por quem se fazem sacrifícios estéreis e a quem pretendem representar, na terra, todos os cléricos, tôdas as castas sacerdotais.

Este Deus não é o "Desconhecido". essa Fôrça enigmática, essa Potência impenetrável, essa Inteligência incompreensível, essa Energia incognoscivel, êsse Princípio misterioso; hipótese, enfim, que, no meio da impotência para explicar o "como" e o "porque" das coisas, o espírito do homem aceita complacentemente. Este Deus, também não é o Deus especulativo dos metafísicos: - é o Deus que os seus representantes nos têm descrito abundantemente e luminosamente detalhado. É o Deus das religiões — e como estamos em França, é o Deus dessa religião que, a quinze séculos, domina nossa história: a religião cristã. É o Deus que eu nego e que vou discutir. É o Deus que convém estudar, se quisermos obter, desta exposição filosófica, algum proveito, alguns resultados práticos.

Quem é Deus?

Visto que os encarregados dos seus negócios na terra tiveram a amabilidade de no-lo descrever com tôda a pompa e luzimento, aproveítemos a fineza e examinemo-lo de perto, detidamente: para discutir bem uma coisa, é preciso, igualmente, conhecê-la bem.

Com um gesto potente e fecundo, êste Deus fez tôdas as coisas do nada: — o ser o não ser. E, por sua própria vontade, substituiu o movimento pela inércia, a vida universal pela morte universal: É um Deus criador!

Êste Deus, é o Deus que, terminada a obra da criação, em vez de volvel à inatividade secular ficando indiferente à coisa criada, acupa-se da sua obra, interessa-se por ela, intervém nela quando o julga necessário, rege-a, administra-a, governa-a: E um Deus governador ou Providência.

(continúa no próximo número)

A maior das covardias é a covardia intelectual.

Só é digno de se chamar Homem aquêle que é capaz de enfrentar com coragem e serenidade as idéias que lhe são contrárias.

MORTE DE DEUS

(MEDITAÇÕES SÕBRE A SEMANA SANTA)

A Igreja leva, uma vez mais, à cena, a Paixão de Cristo, ou seja o drama da morte de Deus. Ano após ano, Deus morre cada vez mais profundamente e res-suscita ao terceiro dia cada vez com me-A licção e duas vezes tragica, porque é também realidade. Deus morre e morre deveras.

Viveu vinte séculos em plena glória. Enxertado no vetusto tronco bíblico, brotou ao alento da poesia asiática, e espar-giu um inesperado aroma de ternura pelo Valhala demasiado imperial das antigas divindades. Os mitos mais adoraveis do Oriente acariciaram o rosto dolorido do Apolo na cruz. A mãe de Buda sorriu às mães humanas, e subiu ao Olimpo com seu filho nos braços. As mulheres puderam rezar. O sangue dos martíres era sangue alegre. Uma cortesia nova esten-deu-se pela Terra em flor. Os homens não aparentaram odiar-se tanto, nem os infelizes ficaram tão sós. Um simulacro de piedade refrescou o mundo. O desespero foi um pecado; a compaixão devota visitou tôdas as catástrofes e tôdas as imundícias; insinuou-se em todos os crimes; e o signo da redenção brilhava nos cabos dos punhais. O amor do Cristo não suportava in-

fiéis: fez justiça aos críticos e violou as tribos selvagens; fascinou as virgens e consolou as abandonadas. Os misantropos descobriram tesouros em suas almas ardentes e sombrias; os pensadores aprenderam a lapidar em silêncio o diamante da consciência; os artistas pintaram a aurora e levantaram bosques de pedra para agrado dos Stos, e desencadearam furações de melodias para cantar o triunfo místico: os libertinos inventaram a respeitosa ga-lanteria, e os soldados a honra. O Céu misturou-se com a Terra. Uma comunhão terrível, familiar e saborosa nasceu entre o finito e o infinito. Houve uma ciência do milagre, uma linguagem universal e litúrgica (o latim foi o esperanto de hoje), uma categoria intelectual e moral. A sociedade crescia sob uma sombra sagrada, e a solidão povoava-se de demônios e de anjos. Os dogmas fixaram-se no esplendor do trono mais augusto dos tempos, e a fisionomia e a história do Filho chegaram à sua definitiva figura. Deus

Por haver existido plenamente, teve que morrer. O micróbio germânico, cultivado pelos Renans, fez adoecer a Jesus. Assistimos agora aos funerais da divina pessoa. A morte dos deuses é parecida à nossa: é a utilização total de deuses não têm o defeito da imortalidade. Imortal é o nada, imortal e eterno; o o imortal é o imóvel. Mas viver é dar-se pouco-a-pouco ao desconhecido, e morrer é dar-se bruscamente de um golpe, de uma só vez. Perece-se como unidade: su-bsiste-se como ação. Talvez seja a indi-vidualidade uma ilusão desnecessária; os homens e os deuses são quiçá depósitos provisórios de energia, pontos fictícios em que se concentram o poder e a fôrça para gastarem-se com maior eficácia. Quem sabe se o importante não é nascer, mas sim morrer! Quem sabe se só a partir da morte verdadeira vivemos, quer dizer, verdadeiramente colaboramos na obra imensa da natureza! O gênio é póstumo. A lenda cristã é por isso de um significado sublime. O Salvador devia morrer. O êrro da Igreja foi ressuscitá-lo. E agora, que morre sem ressurreição possível, viverá para sempre nas entranhas

da humanidade. Desapareceu a semente: é que se enterrou no sulco. O sol caiu detrás do horizonte, e, não obstante, a noite está tépida e contemplamos sem mêdo as trevas: o Sol palpita ainda na juventude de nos-sos músculos e no ritmo sereno das águas e das seivas; um suspiro luminoso vaga pelo firmamento. As formas idolatradas desvaneceram-se; não importa: a substância vital baixou ao fundo das coisas; todo o assimilável empapa a nossa carne e o nosso espírito; permaneceu na razão e no sonho quanto era suceptível de permanecer. Se esquecemos, é que não é necessário que recordemos. Já não há inquietação em nós; cessamos de procurar; possuimos agora Deus com a tranquila e formidável posse do sepulcro. Deus tornou-se invisível, porque por fim está dentro de nós. "Tomaj e comei" — disse-nos êle, e nós fizemos-lhe a vontade: devorámo-lo. E sentimo-nos agora deuses. Nutridos de Deus, atrevemo-nos agora a olhar, cara a cara, a Natureza, e projetamos dominar o Universo.

RAFAEL BARRETO

De tanto ver triunfar as nulidades De tanto ver prosperar a deshonra De tanto ver crescer a injustiça

De tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus,

O Homem chega a desanimar-se da Virtude,

a Rir-se da Honra e a ter Vergonha de ser Honesto.
RUY BARBOSA

unesp



Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa 23 24 25 26 27 28 29 30 21 22 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33

- Vóz Operária -

Por um Sindicalismo Livre

"O Sindicalismo Brasileiro estará condenado a menos que saiba desvencilhar-se da tutela governamental, que não interessa ao assalariado" - ("O Bancário", P. Alegre, dezembro 1967).

O Rio Grande do Sul também está incorporando-se à luta contra o Sindicalismo dirigido. A exemplo de São Paulo, são os bancários os primeiros a abrir a luta contra a intervenção governamental nos sindicatos do nosso Estado, ainda que, segundo o que se destaca da leitura de seu órgão de imprensa "O Bancário", conservam diversos vícios, dos quais o sindicalismo brasileiro está impregnado. Referimo-nos ao de esperar um aprimoramento no seu desenvolvimento e métodos de luta até alcançar a liberação dos sindicatos do jugo governamental:

Esperar que o Govêrno, aceite pacificamente que os sindicatos se libertem do seu domínio é infantil.

É imprescíndivel conquistar essa autonomia e isto só poderá ser atravéz a pressão enérgica e decidida da classe trabalhadora. Enquanto o operário não se disponha a conquistar, para seu sindicato, a independência necessária para a realização do papel que lhe cabe, não disporá de um orgão de defesa própria.

A atual estrutura sindical só pode beneficiar aos "carreiristas", que desejam abandonar seu posto de trabalho para viverem às custas de seus colegas, seja como pelego ou político, e ao govêrno que ao controlar os sindicatos lhes tira tôda a iniciativa e consciência de classe, daí estarem profundamente interessados na continuação do atual estado de coisas, servindo perfeitamente para êsse fim os carreiristas, que se constituem em seu melhor ponto apôio e mais valiosos colaboradores, por isso na luta por nossa autonomia sindical, temos que nos separar não só do govêrno, senão também dos falsos "líderes" que servem-se do sindicato para obter usufruto pessoal.

A vida do sindicato tem que ser traçada para os trabalhadores que o integram, através das assembléias, sendo à diretoria, mera executante das determinações que emanarem das referidas assembléias.

A influência de políticos ou religiosos não beneficiam de maneira nenhuma aos sindicato e nem aos trabalhadores que o integram. Ficando beneficiados apenas aquêles, que não têm outro objetivo, quando dêle se aproximam.

Lutando por um sindicalismo livre, orientado única e exclusivamente pelos trabalhadores, teremos dado um passo a mais no caminho de nossa emancipação social-econômica.

MANIFESTAÇÃO ESTUDANTIL

Iº ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES LIBERTARIOS

Conforme vinhamos anunciando em nossos números anteriores, os estudantes libertários de diversos Estados de Brasil realizaram seu 1.º encontro de caráter nacional, durante os dias 30. 31 de dezembro e 1.º de janeiro p.p., em São Paulo.

Realizaram-se diversos estudos sôbre os múltiplos problemas que os afetam, tanto na ordem de classe estudantil, como ideológico, adotando-se uma posição, de acôrdo com a situação atual do nosso país.

Com uma saudação aos valentes estudantes espanhois que com dignidade mantêm sua personalidade lutando çontra as forças opressoras do fascismo que os oprime, foram iniciadas as conversações, às quais assistiam delegações do Pará, Rio Grande do Sul, São Paulo e elementos do Rio de Janeiro. Se fizeram presentes aos atos os companheiros do Centro de Cultura Social de S. Paulo e uma representação de nossos jornais "Dealbar" e "O Protesto".

A seguir tiveram lugar inumeras palestras abordando a atual conjuntura nacional, sendo feito ainda, um aprofundado estudo dos problemas do sindicalismos brasileiro e sôbre o ideal li-

Para tal foram convidadas renomadas 'personalidades do movimento social paulista, assim como do campo educacional.

Após passou-se a fazer um estudo sôbre as realizações efetuadas pelo movimento estudantil libertário, em caráter isolado, visando a formação de um amplo movimento, integrado em suas atuações e decisões.

Este 1.º encontro, teve como finalidade principal, a preparação de diversos outros que se farão realizar no cor-

Na oportunidade procedeu-se a leitura de uma carta de adesão de estudantes do Rio de Janairo, onde salientaram a importância do acatamento das resoluções a serem tomadas e propugnando pela renovação do movimento libertário, com a criação do Movímento Libertário Estudantil em forma estruturada. E pelo estudo, objetividade e concretização das idéias libertárias.

Terminada esta etapa, foram amplamente debatidas as atitudes a serem tomadas, coñcluindo-se pelas seguintes resoluções:

1.º - Criação de um Comité Coordenador dos estudantes libertários, visando positivar uma ampla organização estudantil.

A princípio de caráter local e após nacional, tendo como meta aglutinar os esforços dos estudantes libertários e simpatizantes, para uma ação conjunta e realizadora.

2.º - Participar ativamente em tôdas as manifestações estudantis que visem lutas reivindicatórias da classe.

8.º-Expressar ampla solidariedade do estudantado, à todo movimento social em pról da dígnificação dôs sindicatos operários e de melhorias em suas condições sócio-econômicas.

4.º - Influenciar junto a classe estudantil para que as determinações que em seu nome são tomadas sejam verdadeiramente representativas e não aquelas que são tomadas por grupos ou indivíduos dirigentes em 'conchavos de cúpulas" ou de "panelinha". Optando pelas assembléias de estudantes e que sejam estas que norteiem as posições de luta a adotar.

5.º - APÔIO A U. N. E. desde que independente de interêsses políticosdemagógicos e religiosos e conclamação a todos os estudantes para que se unam em torno de nós. Salientando nossa posição anti-totalitária e anti-reacionária. Dando uma solução de liberdade total para pensar, falar, manifestar e de transformação na estrutura política, econômica, religiosa e social da nossa sociedade.

por Frederico Brito As funções administrativas das or-

ganizações proletárias não têm nada de comum, nada de comparavel podem ter com os cargos de mando das associações de outro caráter.

A vida sindical operária deve ser uma escola de solidariedade, onde todas as deliberações sejam tomadas e postas em prática por consenso geral e nunca pela vontade de um ou de uns tantos indivíduos.

Para alcançar êsse objetivo, desde que os libertários começaram a desenvolver a sua atividade na vida associativa dos obreiros, têm procurado influir no sentido de serem substituidas as diretorias, investidas de mandatos autoritários e dispondo, muitas vêzes, de atribuições discrecionárias, em comissões administrativas, encarregadas de pôr em execução as resoluções das assemblélas gerais.

Esse é o método, o único método que se coaduna com os fins imediatos e futuros das organizações operárias.

Proceder de maneira diversa é alimentar o espírito de mandonismo, de caudilhismo, é contribuir para alimentar discórdias e rivalidades provocadas pelos atos autoritários de diretores cujas atividades contrasta com a tecdência da coletividade.

O sindicato operário deve ser um organismo de ação, de luta, da qual devem participar todos os seus membros,

sem o que qualquer atividade será nula. Depositar, pois, diretamente, por efeito de cargos com atribuições de mando ou de prestígio concedido pelo indiferentismo, preguiça ou por boa fé, em um indivíduo, direitos de agir a seu belprazer, é sujeitar a vida sindical operária a perigos, a riscos de despretígio, de erros prejudiciais para a co-

Há uma longa experiência que prova exuberantemente isso tudo. Portanto, não nos cancemos de anunciar os inconvenientes e os perigos que, como os fatos têm evidenciado, acarreta a vida associativa do operariado, concederem-se ou permitirem-se as atribuições de mando a um ou a vários agremiados,

isoladamente ou constituidos em diretoria.

Dependendo a vitalidade da ação sindical proletária de cada um e do conjuto de seus componentes, é um erro, exuberantemente provado, colocar um ou mais associados em situação de poderem agir discricionáriamente, de maneira autoritária, ferindo assim, os princípios básicos da orientação sindicalista de ação direta, que se norteia pe-lo critério da co-responsabilidade coletiva, da solidariedade - único esteio da potência associativa dos trabalhadores.

PORQUE CONSIDERAMOS ESTRUTURA SINDICAL

A história do sindicalismo no Brasil pode ser dividida em dois grandes períodos antes da criação dos sindicatos oficiais e depois dessa oficialização. Antes da criação, as lutas sindicais eram bastantes violentas, procurava-se resolver os problemas dos trabalhadores através do que era chamado de "ação direta", ou seja, sem intermediários, os trabalhadores forçavam os patrões a aceitarem suas reivindicações através de greves, passeatas, etc. Nesse período, os líderes dos trabalhadores eram caçados nas ruas à bala. A morte seguia de perto quem quizesse lutar pelas reivindicações populares,

A Oficialização dos Sindicatos

Com o surgimento da ditadura Vargas, tôda liderança trabalhista foi dissolvida, com a morte e a prisão de seus principais líderes. Vargas, como representante das classes industriais em ascenção, necessitou afastar o perigo que os trabalhadores representa-Sua ação nesse sentido foi bastante inteligente; como os trabalhadores lutavam por determinadas leis, Vargas concedeu-as, tentando assim, furar todo o movimento tra-balhista; como os trabalhadores queriam sindicatos, êle criou-os, mas não como os operários queriam - sindicatos livres que pudessem lutar por tudo que os trabalhadores necessitavam - e sim como as classes patronais queriam, sindicatos presos ao Ministério do Trabalho; órgãos mais burocráticos que reivindicatórios; e colocou a dirigi-los elementos ee sua confiança.

Pelêgos e sindicalismo de cúpula

Nascido, portanto, de um período que os trabalhadores estavam calados, sob uma ditadura, o sindicalismo brasileiro cresce cheio de vícios que vem atrapalhar todo movimento trabalhista. Surgiram duas posições dentro dos sindicatos; uma representada pelos pelêgos, elementos de confiança do govêrno e patrões, que estão nos sindicatos para sufocar qualquer atitude que seja desfavorável as classes patronais; outra, que representada por sindicalistas formados nessa estrutura sindical, que se voltam somente para as cúpulas, esquecendo se das bases, procurando resolver os problemas e reivindicações dos trabalhadores através de negociações e conciliações com govêrno e patrões, deixando de lado a organização dos trabalhadores. As duas posições fizeram com que êstes não se organizassem para lutar contra atitudes e leis que lhes prejudicassem. Apenas em um ou outro momento as lutas desenvolvidas pelos sindicatos chegaram a têrmo positivo, mas após o seu fim, não se concretizava a organização dos trabalhadores.

Na realidade, as duas posições mencio-

nadas vão identificar-se em uma série de jam ao que o govêrno determinou. Os pelêpontos. Se os pelêgos são mais ligados ao govêrno e aos patrões, agindo sempre no sentido de favorecê-los e não aos empregados, os outros, "sindicalistas de cúpula", não organizando as classes operárias e tentando tudo resolver através de conciliações e ne-gociações, favorecem efetivamente às classes dominantes, da mesma forma que os

Com o movimento militar de abril/64, subiu ao poder um govêrno que notabilizou por não fazer qualquer conciliação com os trabalhadores. Isto provocou a falência dos sindicalistas de cúpula, já que nada pode mais ser resolvido por negociações que fu-

gos, colocados nos sindicatos como interventores, dominaram todo o meio sindical, aproveitando se para ligações com as entidades estrangeiras que dominam o sindica-lismo mundial e estão há muito tempo interessadas em dominar também o sindicalismo brasileiro. Através de corrupção de dirigentes sindicais e de cursos sôbre sindicalismo, conseguiram essas entidades (FITIM, FIET, etc.) obrigar algumas categorias e se ligar a elas. Os sindicatos que conseguiram livrarse dos interventores, voltaram às mãos dos velhos "sindicalistas de cúpula", continuando os vícios de uma estrutura sindical errada a imperar em nosso meio sindical.

PRATICAS DE LUTAS

O problema que propõe o proletariado organizado, para a conquista do seu bem-estar econômico e independência política, não é um problema de direitos, é, antes de tudo, de associação e de fôrça. Podemos os proletários robustecer nos-

sos pedidos com claras e amplas razões, argumentar os mais evidentes motivos em favor das reclamações que nos dispomos a fazer; porém, se elas não vão acompanhadas de uma fôrça superior a tôda a lógica, não seremos considerados nem tidos em conta. É uma lei capitalista e também, de nossas aspirações a uma total emancipação, que tôda conquista é o resultado de uma vitoriosa luta lograda pelo mais forte dos contendores.

Em consequência, devemos nós, os pro-letários, dispor, em nossas batalhas contra a opressão estatal e capitalista, de armas efi-cazes que nos coloquem em condições de vencer a resistência de nossos inimigos.

A greve nos dará tôdas as vitórias, permitirá o reconhecimento de nossas organizações como entidades sociais, melhorará nossas condições econômicas, atenuará o rigorismo liberticida dos Estados, vingará milhares de agravos à nossa dignidade, e, só por ela poderemos alcançar uma vitória definitiva. Mas o regime capitalista está de tal ma-

neira constituido, que apesar de sermos nos a mais importante fôrça social, o monopólio das riquezas nos impede permanecer, durante prolongados tempos, de braços cruzados. Sujeito ao salário, muitas vêzes o proletariado tem sido dolorosamente vencido pela inamicão gravista. nição grevista. Por isso, a greve não será eficaz sem acompanhar»se de uma ação direta que, generalizando-a em tôdas as indústrias, introduzirá o desiquilibrio nas engrenagens do Capitai e do Estado.

Consideramos, pois, como única arma efi-caz em nossas lutas e na conquista de nos-sos direitos, a greve acompanhada de uma enérgica ação direta.

A ação direta é uma arma de liberdade individual e coletiva. É de liberdade individual porque sua extensão e exercício deixa livre a atividade e consciência de cada proletário; e coletiva, porque ao desiquilibrar o Estado, desfazando suas fôrça e alterando a produção, o debilita, colocando-o em condições de inferioridade.

unesp*
 Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa
 Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa

 1
 23
 24
 25
 26
 27
 28
 29
 30
 31
 32
 33
 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33

VIETNAM:

Estudantes Contra a Guerra

Este trabalho é um manifesto elaborado e distribuido pelo Comité do Dia do Vietnam, Universidade de Berkeley, que teve ampla difusão no seio das unidades do exército norte-americano e nos meios estudantis. A oposição a guerra dentro do povo yanqui atinge atualmente, segundo últimas pesquizas a cifra de 51%. Dentro das Universidades os focos de resistência crescem, se aprofundam e adquirem, como vemos nêste apêlo a resistência, uma autentica tonalidade libertária.

Você pode ser enviado a qualquer momento para o Vietnam. Você ouviu falar sôguerra nos jornais; seus oficiais vão fazer palestras sôbre ela. Porém, você se sentirá tão confuso e desorientado como a

maioria dos americanos,
Muitos dirão que você somente deve obedecer ordens e deixar que os outros pensem.
Porém você tem o direito de saber tanto como os sábidos sôbre a guerra. Pois afinal, não são os homens do Congresso que vão ser mortos, mas sim você.

PORQUE ESTAMOS LUTANDO NO VIETNAM?

Supõem-se que lutamos para proteger a

Ronda pelo mundo

ALEMANHA DEMOCRÁTICA

Segundo publicou um anuário da editorial Spielman. de Dortmund, Alemanha, o fatídico Hitler ainda é cidadão honorário de 26 cidades da Alemanha Ocidental. Inclusive uma fábrica de fumo de lá, lançou no merca-do uma caixa com fotografias de "grandes homens", entre elas a do magno carniceiro Hitler. São estes detalhes, pequenos e grandes, todos muito significativos, que levam a crêr que não será impossível em um dia, mais ou menos próximo, a celebração de um novo pacto, ao estilo Molotov-Ribbentrop.

PORTUGAL

A propaganda paga pelo ditador dêste país faz com que pensemos em Salazar co-mo em um "chefete" que mantém um regi-me paternalista, onde a paz e o bem-estar são uma constante. A verdade, porém, é mui-to outra, pois a censura não deixa aparecer a podridão moral, nem a miséria reinante e nem a exploração na qual vive Portugal de Salazar, com sua conveniente aprovação, premiando aos viciados e ladrões que escudamse nos cargos oficlais para cometerem seus latrocínios e imoralidades.

Um novo caso "Profumo" vem de surgir à luz no bem-aventurado regime Salazarista. Trata-se da perversão de jóvens estudantes, menores, dos centros de ensino oficiais femininos de Lisbôa, aonde aparecem envolvidas diversas altas autoridades político-militares, portuguêsas, Entre elas, Ministros. Banqueiros, Aristocratas e outras figuras destacadas do regime e da administração

Sôbre êste caso foi mandado instaurar rigoroso inquerito pelo então Ministro da Justiça Prof. Antunes Varela, A Polícia Judicial descobriu que o escandalo, que teve origem num processo movido contra uma prostituta, fazia parte de uma rêde de vício que envolvia adolescentes, as quais, ao serem interrogadas deram os nomes de influentes personalidades do regime, como seus "clientes". Providencialmente interveio o "catolicissimo" Salazar e mandou arquivar o processo, sem que no entanto tenham sido responsabilizados a maioria dos acusados. O Ministro dal Justiça, que durante treze anos manteve-se no cargo e que chegou a ser tido como possívei substituto de Salazar, não aceitou tal determinação e por êste motivo apresentou a demissão de seu cargo, já considerado como vitalício.

Não é esta a primeira vez que o ditador português ampara imoralidades dêste gênero e de roubo, inclusive agraciando os autores com regalias maiores.

Hoje vamos relembrar-nos de um dos muitos casos, que iremos expondo em outras oportunidades que com seu "manto protetor" abafou em nome da "civilização cristã" e

da "ordem pública". Em 1945, Aguedo Oliveira, que ocupava importante cargo no govêrno, e é parente do Primeiro Ministro, foi processado por delito de pederastia e corrupção de menores. Seu parente e amigo Oliveira Salazar, mandou arquivar o processo e o nomeou Ministro das Finanças. Os comentários cabem ao leitor, pois o feto por si só retratou ao "chefete" ditador e a casta que o mantem.

ESPANHA

A classe estudantil espanhola encontra-se agitada. As últimas greves, pedindo liberdade de associação, libertação dos estudantes detidos por motivo dos conflitos havidos por ocasião de manifestações reivindicatória je suspensão dos castigos disciplinares impostos a estudantes, por suas atitudes de protesto, estendem-se por diversas Faculdades do país. O desmoronamento do regime de fôrça, impôsto a um país amigo da liber-dade, é um fato presumível, pois até entre seus mais acérrimos defensores de ontem as defecções estendem-se.

A Igreja, um dos principais fatores e que na Espanha sempre se constituiu em impulsora e defensora de govêrnos reacionários, inimigos da liberdade, hoje encontra-se dividida, contando-se grande quantidade de membros dela entre os que combatem o re-

gime terrorista, vigente durante trinta anos. Não há de demorar o dia em que a liberdade volte a êste país, se bem que seus inimigos procurem soluções que, substituin-do a tirania de hoje, não chegue a ser o que o povo deseja.

democracia, não obstante nosso govêrno re-conheceu que no Vietnam do Sul há uma ditadura O general Cao Ky, o último ditador militar, é tão mau como os que o precede-ram. Em recente entrevista a um diário de Londres, êle afirmou: "Perguntam-me quem são meus heróis... Eu só tenho um: Hitler. Admiro Hitler porque este reunificou seu país quando este suportava uma pessima si-

O general Ky não significa muito para nós; não sabemos nem pronunciar seu nome, porém os vietnamitas viveram muitos anos governados por homens iguais a êle.

Para os vietnamitas, nós lutamos ao lado do hitlerismo, e êles esperam que sejamos

QUEM É O INIMIGO?"

Os porta-vozes militares norte-americanos repetem amiudamente que seu grande problema é encontrar o inimigo. O inimigo, afirmam, está em tôdas as partes. A velhinha que alimenta suas galinhas pode esconder granadas em sua choça. A criança que segue as operações diurnas das tropas americanas, desaparecem pela noite, para entre-gar informações aos guerrilheiros. A lavadeira da base aérea, um dia faz explodir uma bomba para complementar seu dia de trabalho. É impossível, nos dizem os porta-vozes militares, saber quem são os do Vietcong e quem são os civis.

Então, como todo o povo vietnamita parece ser o inimigo, os militares tomam suas precauções. Usam gaz mortiferos (uma arma especialmente desenhada para uso contra os civis). Ordenam fazer fogo contra as mulheres e crianças... porque, acima de tudo mulheres e crianças estão lutando contra as tropas norte-americanas. Os aviões dos Es-tados Unidos destroem populações civis com napalm; os B-52 arrasam regiões inteiras. Por isso a guerra do Vietnam é uma GUER-RA SUJA. Quando os vietnamitas o vêem com um uniforme extrangeiro, pensarãa em

você como num inimigo. Vocês são os que bombardeiam suas ci-dades. Os vietnamitas não sabem distinguir um voluntário, um belicista de um pacifista; portanto não haverá oportunidade para vocês se salvarem.

ELEIÇÕES LIVRES

Os vietnamitas quiseram votar para que os extrangeiros se retirassem de seu país, porém lhes foi negado essa contingência. De acôrdo com a resolução de Genebra de 1954. teria que ter sido reálizado eleições no Viet-nam em 1956. Porém o Departamento de Estado tinha a certeza de que Diem, nosso homem do Vietnam, iria perder. Logo, decidimos não permitir eleições atê que estivessemos seguros de ganhar.

Diem formou a polícia política e encarcerou tôda a oposição. Em 1959 estava claro que nunca haveria eleições e os guerrilhei-ros conhecidos por Vietcongs começaram a

Por volta de 1963 nosso governo não suportava mais Diem, porém também não queria correr o risco de nma eleição. Nosso serviço de inteligência ajudou um grupo de generais vietnamitas a dar um golpe em Diem, que acabou sendo assassinado. Desde então tem havido uma série de ditaduras militares, e o general Ky - o homem que admira Hitler -

LUTANDO PELA DEMOCRACIA

Vossa tarefa como soldados se supõem que é cativar ao povo Vietnamita. Cativá-lo para que? Para a democracia? Não, posto que mantemos um ditador no poder. Para que então? Para o "american way of life"? Po-rém, porque aos vietnamitas lhes vai importar mais nosso modo de vida, do que nos importa a nós o modo de vida dêles? Não sabemos falar sua linguagem, nem sequer pronunciar seus nomes. Não sabemos nada sôbre sua religiao, nem sequer se existe. Nunca ouvimos falar de Vietnam, até que Washington decidiu governá-lo. Supõem-se que vocês·lutam para salvar o povo vietna-mita do comunismo. Certamente a influência comunista é forte na Frente de Libertação Nacional. Ainda que a maioria da população apoia a FLN. Porque? Muitos dos aderentes da FLN. lutaram na resistência vietnamita contra os japoneses na segunda guerra mundial e depois contra os colonialistas franceses. A maioria da população vietnamita pensa no FLN como no representante da melhor tradição patriótica.

AS GUERRILHAS

Os jornais e a televisão nós explicam de quando em vez o duro que é lutar contra a guerrilha do Vietcong. Carentes de munição e sem cobertura aérea os guerrilheiros podem bater fôrças que o superam na propor-ção de 10 para 1. Por que têm tão alta mo-ral de luta? Êles não são conscritos. Nenhum conscrito pode lutar assim. A maioria são camponêses que trabalham a terra; não têm sequer munição para treinar. O segredo está em que eles sabem porque lutam. Nunca ouviram falar do Vietnam pelos jornais; viveram tôda sua vida ali. Quando nós frequentavamos o ginásio, eles viviam sob o regime do tirano Diem e o odiavam.

ESMAGAMENTO DA RESISTÊNCIA

A guerra do Vietnam não se faz de acôrdo com as regras. Os prisioneiros são tortu-

Crônica Internacional

Ainda não se apagaram os horrores da guerra árabe-israelita e prepara-se a revanche dos que não se conformam com a perda do que êles consideraram como marcha vitoriosa.

Nasser, na sua sêde imperialista, de acôrdo com reis e ditatadorzinhos dos povos árabes e, com o apôio russo, rearma-se aceleradamente, preparando a sua raça para a revanche de uma derrota que não pôde digerir. O povo, o que trabalha, sofrerá às consequências dessa luta e tanto na derrota como na vitória não melhorará sua condição de "pária", enquanto que da sua vida e esfôrço beneficiarão-se ós traficantes de armas, verdadeiros abutres da humanidade, e os govêrnos que, de longe, atiçam o fogo das discórdias, para delas usufruirem vantagens econômica, políticas, ou de "satélites", para lutas de maior alcance.

A luta do Vietnam continua. O povo que a sofre não conseguirá melhorar sua situação, seja qual fôr o resultado final da mesma. Nesta região do globo, enfrentam-se EE. UU. e Rússia, medindo forças, sem que nenhum dêles ponha tudo o que dispõe

O prolongamento criminoso da luta é conveniente aos interêsses em jogo e por isso não se chega a uma solução da mesma.

Uma das últimas ofensivas dos Vietcongs, colocou aos americanos, em situação difícil e pelo menos, constituiu-se numa vitória psicológica em face o poderio norteamericano. Entretanto, não acreditamos que ela possa decidir a situação, ou que represente o fim da luta.

Um novo fóco, quizeram provocar com o aprisionamento do barco americano "Pueblo" pela Coréia do Norte. Não podemos predizer qual será o resultado desta provocação ou se com ela quizeram extender uma nuvem de fumaça sôbre o que aconteceria no Vietnam. Não obstante, também não acreditamos na ampliação da guerra na Asia e muito menos em outras áreas diferentes.

Outra coisa poderá acontecer no dia em que a China Continental venha a acreditar-se, acertadamente ou não, "superior" ao resto dos países do mundo. Quando esta circunstância chegar, com provocação ou sem ela, a China se lançará à luta pela "libertação" (?) da Ásia e posteriormente, como um novo Gengis Kan, à "salvar" o resto do mundo.

É triste observar os caminhos do mundo e as marionetes que nêles são manejadas para tôdas as guerras, classes que nada têm a ver com a origem das mesmas, sofrem no seu desenrolar e nada lucram seja qual fôr o seu resultado final.

Os povos são vítimas do egocentrismo de governantes, que acreditam-se "predestinados" para salvar suas "raças", ou suas "pátrias". A solidariedade internacional, que deveria impôr-se a egoismos nacionais e que conduziriam as populações a épocas melhores, não encontra a acolhida necessária para opôr-se, como obstáculo intransponível, às lutas entre indivíduos, cuja única diferença consiste em terem nascido em lugares diferentes do mundo, mas cujos problemas são idênticos.

rados. Nossos aviões jogam bombas incendiárias sôbre a população civil indefesa. Nossos soldados disparam sôbre mulheres e criancas. Nossos oficiais, afirmarão que tudo is. so é necessário, que a guerra não pode ser ganha de outra maneira... e têm razão.

Os americanos não são mais cruéis que os outros; os soldados americanos não disfrutam este tipo de guerra. Mas se voces desenvolvem uma contra um povo inteiro, voces se tornam cruéis necessariamente. Nem o soldado alemão que ocupou a Europa era especialmente cruél. Porém quando o movi-Matou mulheres e crianças por que estas ati-ravam sôbre eles; e nunca perguntaram porque acontecia isso. Quando alguma pequena povoação se tornava centro de resistencia a arrasavam seguindo ordens.. Sabiam que os SS torturavam prisioneiros, porém ele não podia interferir em assuntos que não eram

OBEDECENDO ORDENS

Como soldado voce aprendeu a obedecer ordens; porém como ser humano voce deve tomar responsabilidade por seus próprios atos. A lei internacional e a lei norteamericana reconhecem que um soldado ainda quando atue sob ordens deve sobrelevar a responsabilidade legal e moral do que faz. Êste princípio veio a formar parte da lei depois da segunda-guerra mundial, quando as nações aliadas decidiram que os criminosos de guerra alemães deviam ser castigados,

inclusive quando cometessem crimes sob ordens. Este princípio foi a base dos julgamentos de Nuremberg.

LUTEMOS CONTRA A GUERRA

Esperamos que voce se situe como ser humano incapaz de tolerar esta luta barbara e esperamos que voce se oponha a ela. Não sabemos que classe de risco corremos ao entregar este 'panfleto; voce não sabe que riscos correrá se se opôr a guerra. Um grande número de soldados norte americanos se recusaram combater no Vietnam e foram julgados pelas cortes marciais. Eles demonstraram grande coragem. Acreditamos que eles, junto com outros bravos que seguirão o exemplo terão influencia fora do comum.

Há outras coisas que voce poderá fazer; desde o momento em que esteja de serviço, conhecerás melhor que os civis que tipo de oposição é possível. Porém aconteça o que acontecer, mantenha-se atento. Tire suas próprias conclusões do que ve, ouve ou le. Nas sessões de orientação, não tenha medo de porguntar o confação, into tenha medo de perguntar e se não estiver satisfeito com a resposta, continue perguntando. Aproveite cada ocasião para falar com seus companheiros soldados sôbre a guerra. Se voce seguir para o Vietnam sob ordens, possivelmente será forçado a lutar, porém não faça "mais" do que deva... E boa sorte.

Vietnam Day Committee 2407 Fulton Street Berkeley — California.

"O ministro do Interior de Portugal assinou um decreto proibindo o ensino e o uso do esperanto naquêle país, com o fundamento de que os revolucionários portugueses estavam utilizando a língua mundial na sua correspondência com revolucionários dos outros países".

- Também Hitler proibiu o esperanto na Alemanha e nos países por êle anexados. Os motivos então alegados eram outros: 1 — o esperanto era obra dum judeu; 2 - o esperanto reivindicava para si a primazia de lingua mundial, que, segundo os militares prussianos, cabe ao idioma alemão. Para ser coerente até o fim, imitando Hitler, o govêrno do Salazar deve estender a proibição, agora lançada sôbre o esperanto, igualmente ao francês, inglês, espanhol, etc., pois em tôdas estas outras linguas os revolucionários, que tiram o sono à fradalhada que domina Portugal e aos imperialistas que sustentam o Salazar no poder, concertam com seus camaradas do mundo a grande revolução libertadora que há-de correr do nosso . planeta com todos os parasitas.

LEIA

"DEALBAR"

Um Jornal Libertário

Subscrições:

Rua Rubino de Oliveira, 85 (Braz) - São Paulo



Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa

Faculdade de Ciências e Letras de Assis

23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33

HERMAN KHAN, Um Homem Perigoso

Muito poucos ainda não ouviram ou leram alguma coisa sôbre a desaforada e pretenciosa intenção norte-americana de efetuar projetos de natureza um tanto quanto suspeitos na região amazônica.

Um dêstes projetos, sem dúvida alguma o mais importante, é o do Lago Amazônico, uma espécie de Mediterrâneo de água doce em plena selva, lago êste que inclusive alagaria boa parte da capital amazonense, Manaus. Por mais fantástico que possa parecer, assim dito foi até sugerido ao govêrno brasileiro, depois de aprovado pelo congresso norte-americano, conforme notificaram os jornais da época.

Modernas cidades satélites serão construidas às margens dêste lago, habitadas por grupos pioneiros de procedência estrangeira dirigidas por técnicos objetivando a colonização e exploração dos inesgotáveis recursos naturais da

Seríamos os últimos a negar os maravilhosos beneficios, que projeto de tal envergadura poderia trazer ao nosso país, mas sòmente se realizado e administrado por elementos brasileiros visando ùnicamente beneficiar a população local e os interêsses nacionais. Isto no momento deve ficar para o futuro, no momento, problemas muito mais cruciais angustiam a nação.

Mas não vamos aqui falar em problemas brasileiros e sim em um homem, mais precisamente, a notável inteligência dêste homem: Herman Khan; o homem que projetou o Lago Amazônico.

Matemático, físico, sociólogo, teórico militar, dono de um Q. I. de 200 pontos (os gênios atingem 145 pontos), e um décimo de tonelada de pêso, êste super sábio de 45 anos de idade, natural de Bayonne em N. Y. filho de imigrantes de origens modestas, conseguiu no princípio da década de 40 ingressar Por Luiz Antonio dos Santos

de uma maneira espetacular na poderosa Rand Corporation, a mais fabulo-sa "máquina de pensar" dos Estados Unidos (lá nasceu a bomba H), também é assessora do Pentágono.

Desde 1961, diretor do Instituto Hudson, Khan escreveu livros sôbre as perspectivas do homem do futuro (o Ano 2000), sôbre as consequências de uma guerra termonuclear entre URSS e EEUU usando a pura e fria análise matemática cruelmente científica. Seus computadores calcularam em 170 milhões de mortos dos Estados Unidos depois do contra-ataque russo, caso a iniciativa do ataque fôr americana, transformando 1/3 da população mundial em hordas de monstros deformados pela radiação atômica.

Khan, com seus livros, conseguiu mudar consideràvelmente o conceito de algum país sair vencedor de uma guerra nuclear. Esta é uma longinqua idéia da genialiddde e da capacidade mental dêste homem que talvez em um futuro próximo, nós, os brasileiros, teremos que enfrentá-lo como inimigo poderoso, pois estará armado da mais fabulosa das armas, a inteligência apoiada por seus computadores.

O Hudson Institute possui uma equipe de 75 sábios comandados por Khan, e dai saiu a tremenda ameaça que paira sôbre a Amazônia, a "internacionalização amazônica".

E por mais paradoxal que possa ser, nossas autoridades continuam de olhos fechados mergulhados na mais profunda letargia enquanto os computadores do Sr. Khan trabalham, alimentados pelos dólares do Departamento de Estado. Caso falhem as artimanhas engenhosas dos diplomatas inaquis, suas chantagens econômicas, talvez alguns

"mariners" venham a concretizar a internacionalização e, consequentemente, o lago do Sr. Khan.

Infelizmente aquêles que podem e devem combater a cobica mundial em relação à Amazônia e protestar contra estas intromissões na soberania nacional, são destituidos de inteligência e jamais compreenderão quem são nossos verdadeiros inimigos. Herman Khan é um dêles, um cérebro genial a soldo de uma nação "amiga" que prepara-se para abocanhar boa parte de nosso território, sob as vistas grossas do nosso



Por motivo de férias coletivas na tipografia em que é impresso nosso jornal, não foi possível que esta edição saísse na data de costume. Essa razão fez com que fossemos obrigados a imprimir êste número como correspondendo aos meses de fevereiro e março, voltaremos a circular, portanto, sòmente no próximo mês de

A Administração

DO MITO DA ESTAGNAÇÃO A REALIDADE NORDESTINA

Por A. Mossena - (Aracaja)

Não vou falar da miséria do nordeste, porém de um surto de progresso para o povo em geral. Devemos atribuir êste fenômeno a três fatores.

Primeiro: houve uma total mudança do clima local, pois fazem alguns anos que não há mais sêcas. Na região do perimetro chove mais que na região do litoral. A quem devemos atribuir este fenômeno? A Deus e aos santos milagrosos? Não, êste fenômeno é consequência do progresso. Foi o homem o autor da facanha ao construir grandes açudes em tôdas as regiões semi-deserticas. Notou também, que as terras ressecadas necessitavam de uma forragem verde que resistisse aos períodos de sêca. Começou a plantar a Palma que é uma espécie de cactus sem espinho contendo 85% de água, além de ser uma fonte de proteina. Serve de alimento ao gado quando desaparecem as forragens verdes. As ingerir a Palma os rebanhos não têm necessidade de beber água pois o vegetal é rico em líquido precioso.

Segundo: está provado pela ciência que só não chove nas regiões deserticas por que não há água e arborização. Desde que o homem transforme a região desertica levando água (açude) e arborização apropriada a região muda o clima. Isto foi o que sucedeu no Poligono das Sêcas.

Terceiro: outro fator importante é que nas regiões que citei, cria-se tôda espécie de gado em comum. Os proprietários das terras cercam uma parte das terras para o plantio das Palmas, butra parte fica aberta para os criadores de gado que plantam grande quantidade de cactus. O gado fica solto e em comum. Apenas se conhece o proprietário pela marca a ferro em braza que cada animal traz impresso no dorso. Quando a forragem dos campos abertos ressecam, os animais são recambiados para pequenos curraes e se alimentam com ração de Palma, que é

ótima forragem até para vaca leiteira. O proletário da região quase sempre possue algumas cabeças de gado. Quando não, criam caprinos e ovinos. Os filhos dos proletários são criados com leite e queijo de cabras e carne de cabrito. Na roça plantam milho, feijão, abobora, mandioca e fava. Estes produtos são armazenados e servem de alimento até a próxima safra. Em algumas regiões planta-se o algodão que possue a melhor fibra do Brasil.

Antes da construção dos açudes e do plantio da Palma os camponêses da região viviam na mais horrenda miséria, em vida nômade, mendingando nas regiões para as quais emigravam na época das sêcas.

Uma vasta literatura foi criada sôbre a miséria do nordeste. Jornalistas, escritores, poetas e outros escribas, que nunca sairam das avenidas asfaltadas das grandes cidades e do conforto dos aparelhos de ar refrigerados criaram e difundiram, 'há tempos, o míto da estagnação e da miséria do povo nordestino. Sinceramente afirmamos que este quadro foi verdadeiro no passado, atualmente já comeca a se modificar e um surto de progresso e bem-estar mínimo para o campesino começa a surgir, provando que o homem pode, quando quer, construir a felicidade na própria

Falso Nacionalismo

Poucos dias atráz, falando a um grupo de formandos, o presidente da republica fez uma recomendação de alto patriotismo aos estudantes, O presidente, salientou que os mesmos não deveriam deixar-se influenciar por idéias estranhas, sobre pretesto algum, pois, por cima de tudo deviam olhar o Brasii.

Estas propagandas de nacionalismo são o maior inimigo da cultura e da harmonia entre os póvos. Isto é como negar todo o apórte cultural que de tôdas as partes, tem vindo a formar o próprio Brasil.

De onde viéram às idéias do proto-mártir de Inconfidência. Ioconim do Silva Value.

tir da Inconfidência Joaquim da Silva Xavier (TIRADENTES)? e Garibaldi? e os milhares de anônimos que com seu esforço e inteligência tem feito e ajudado a fazer o Brasil de hoje? Éles também tinham idéias. RAFAEL FERNANDEZ

REVOLTA

Quando vejo militares bem nutridos fardas vistosas, botas reluzentes, orgulhosos,

garbosos, dominadores...

Quando vejo capitalistas ignaros salpicando de lama nossas roupas de trabalho com veículos custosos, último modêlo, dissipando em luxos e bacanais o suór dos produtores explorados.,.

Quando vejo curas e papas blandiciosos, sofistas, enganadores aconselhando ante tan-

ta injustiça, calma e resignação...

Quando séculos e milenios rolando e o produtor humilde, cabisbaixo, rastejando como um verme, sofrendo através dos séculos misérias, afrontas, humilhações ..

Eu sinto revolta. Eu sinto revolta de mim mesmo, pela minha obstinação de continuar sendo um idealista. Antonio da Costa

s protesto

Ano I — Fevereiro/Março de 1968 — N.º 5

Em 1889, com a proclamação da República, passou-se a respirar no Brasil um clima de paz. O povo vencêra finalmente. Atra-véz do Mal. Deodoro da Fonseca, havia si-do o Brasil liberto do domínio de imperadores e outros tipos diversos de governantes, aos quais tinha sido entregue o destino de nossa terra dêsde a Independência, passava assim para um Regime Governamental, que parecia ser o mais indicado para dar às soluções que se faziam necessárias para que o povo sentisse o bem-estar de ter sua pátria livre e desfrutasse do conforto de viver numa terra onde realmente a liberdade existe.

regime implantado naquela época, continua hoje a vigorar, mas se o analizar-mos bem; será que encontraremos a almejada si-tuação? Diferem por acaso os desmandos que se praticava na época da monarquia? Talvez as modificações sofridas por ês-

te "justo" sistema de govêrno, alterações estas que nossos governantes julgavam indis-pensáveis para o bem do povo, já que êste é o objetivo principal da "Democracia"; tenham produzido seus efeitos retrógrados, le-sando assim o êxito de nossos soberanos, na difícil façanha de comandar uma nação livre que serve de pedestal à estátua magna que

chamamos "Povo".

Caros leitores, a liberdade é sem qualquer sobra de dúvidas, o bem maior que po-

de um ser humano almejar. Querer ser livre não é desejar muito, é

simplesmente querer aquilo que por direito, ao homem pertence.

Para que existe a liberdade? Sòmente para encher páginas de dicionário, trazendo sinônimos bonitos, mas desconhecidos pelo povo brasilniro? Vivemos num país, que se diz livre, oprimidos pelas imposições de políticos inescrupulosos que nada mais querem a não ser seu próprio bem.

Homens que fazem de sua pátria e de seus familiares, patrícios, desinteressando-se por completo dos problemas dos outros bra-sileiros também, mas esquecidos pelos que se dizem representar o Brasil e que para tal foram elevados aos postos máximos na escada governamental. Egoístas nas idéias e também nos sentimentos.

Oode está o que chamamos liberdade, se não nos é concedido o direito de reclamar; nem ao menos, um salário suficiente para nossa sobrevivência? Não queremos guerrilhas; nem conflitos, queremos liberdade. Os fatos nos mostraram que tanto a Mo-

nârquia, como a República não surtiram o efeito desejado. O atual sistema de govêrno, não passa de uma Monarquia, diferindo desta sòmente na denominação. Impedindo sempre, a participação direta da população, no que lhe diz respeito. Daí os desmandos políticos. O ideal e o progresso é que busquemos, estudando novas formas de vida, para lutarmos pela melhoria de um Brasil que é nosso!

MÁRIO MARTINS nârquia, como a República não surtiram o

QUARTA



última]

de nada adianta parar para pensar agora. a nova manhā vai nascer, há uma nova canção a mostrar, há mais uma luta para se vencer...

... as vezes, eu odeio esta minha condição de poeta. poeta com sinceridade e autenticidade

tenho que vencer meu egoismo e meu individualismo. tenho que falar de mim a voçes...

eu tenho que lutar contra minha hipocrisia,

+ nenhum livro publicado: sou imaturo, violênto e imprevisível.

eu sou poeta que nasceu viveu e vive no meio industrial de pôrto alegre, meus ouvidos captaram primeiro os bondes, depois o mundo ouço falo e vejo,

não possuo nenhuma deficiência física.
neurótico.

meu problema é interior e eu procuro negar este interior. um dia talvez me encontrem com uma corda no pescoço, com os olhos fora das órbitas e o corpo balançando. eu não sei se a minha covardia chegará a tanto.

— sim: sou covarde. de nada adiantaria negar minha covardia...

... eu fujo de mim mesmo.

sinto mêdo do que minhas mãos podem fazer (uma ajuda ou um estrangulamento). sei: a sociedade sempre me rejeitou...

... eu nasci rejeitando-a (instintivamente)

classe média inferior, solitário e solteiro.
uma chamada (única entre as 19 aparentes)

— moro com meus pais (realmente ainda são meus pais?) cinco irmãos: bastante camaradas e distantes.

sou um ser extravagante, nem a sociedade

nem meus amigos me compreendem. estou sempre surpreendendo...

- masoquista sem fanatismo.

— tristeza ocultada pelo sorriso inconstante. — sou estranho — disto não resta dúvidas. — sou só — mas com uma solidão que dáme satisfação dupla:

- a de saber-me só entre sós.

a de saber-me perdido, sem apoio.
 a ânsia de aventura passa com a idade.

- chega de aventuras infrutíferas, como eu! sou José Liberdade.

eu creio que todo homem devia possuir em seu nome, o nome daquilo que mais ambicionasse.

— boa noite!

José Liberdade (27-12-67 - madrugada)

